

A VIDEORRESENHA NA COMUNIDADE DISCURSIVA DO BOOKTOK: uma análise da estrutura retórica do gênero

THE VIDEO REVIEW IN THE BOOKTOK DISCURSIVE COMMUNITY: an
analysis of the rhetorical structure of the genre

Patrícia Gonçalves da Costa

patgcosta@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Valfrido da Silva Nunes

valfrido.nunes@garanhuns.ifpe.edu.br

RESUMO

Esta pesquisa apresenta os resultados da análise sociorretórica do gênero videorresenha, que circula na ambiência da rede social TikTok. Por acreditarmos que a organização retórica do gênero é determinada pela comunidade discursiva na qual o gênero circula, realizamos uma investigação em um *corpus* formado por 10 (dez) videorresenhas do BookTok, com o objetivo de observar as pistas linguísticas e estruturais do gênero em questão para identificar os seus propósitos comunicativos e, conseqüentemente, sua organização retórica. Trata-se de uma pesquisa prioritariamente qualitativa, levando em consideração dados quantitativos, que identificou uma estrutura prototípica do gênero videorresenha no BookTok. Para realizar a análise, adotamos como aporte teórico os estudos de gênero a partir da perspectiva sociorretórica de Swales (1990), que desenvolveu o modelo CARS para análise de gêneros acadêmicos, e que vem se constituindo em uma ferramenta eficaz de análise gêneros em diversas esferas discursivas. Esta investigação identificou que a estrutura retórica do gênero videorresenha do BookTok apresenta particularidades que são atribuídas ao seu contexto como parte integrante de uma comunidade discursiva específica.

Palavras-chave: Gênero videorresenha. Abordagem Sociorretórica de gêneros. Comunidade discursiva do BookTok.

ABSTRACT

This research presents the results of the socio-rhetorical analysis of the video review genre, which circulates in the ambience of the TikTok social network. Because we believe that the rhetorical organization of the genre is determined by the discursive community in which the genre circulates, we carried out an investigation in a corpus formed by 10 (ten) BookTok video reviews, with the objective of observing the linguistic and structural clues of the genre in question to identify their communicative purposes and, consequently, their rhetorical organization. This is a primarily qualitative research,

taking into account quantitative data, which identified a prototypical structure of the video review genre in BookTok. To carry out the analysis, we adopted gender studies as a theoretical framework from the socio-rhetorical perspective of Swales (1990), who developed the CARS model for analyzing academic genres, and which has become an effective tool for analyzing genres in various spheres discursive. This investigation identified that the rhetorical structure of BookTok's video review genre presents particularities that are attributed to its context as an integral part of a specific discursive community.

Keywords: Video review genre. Socio-rhetorical approach to genres. BookTok discursive community.

1 INTRODUÇÃO

O gênero resenha circula em várias esferas discursivas. Apresenta-se, na maioria das vezes, como um texto que descreve, resume e avalia uma obra recentemente publicada, com o objetivo principal de dar a conhecer um produto e convencer o público a consumi-lo. Isso ocorre a partir da emissão de um juízo de valor em relação a tal obra. Dessa forma, a resenha poder ser sobre um livro acadêmico ou literário, um filme, um espetáculo teatral, um álbum musical ou de qualquer outra forma de expressão. Geralmente, as resenhas aparecem escritas e, algumas vezes, apresentam quase a mesma estrutura retórica, variando de acordo com o suporte no qual são veiculadas (livros, revistas, jornais, websites, entre outros).

Nesse sentido, o gênero discursivo pode sofrer alterações para se adequar às transformações que a linguagem apresenta em decorrência das mudanças na sociedade. Após o advento da internet e o avanço da tecnologia, é possível perceber novas formas de comunicação. Tendo em mente o pensamento bakhtiniano (1997) de que toda nossa comunicação se realiza a partir da produção de algum gênero do discurso, essas novas maneiras de se comunicar são responsáveis diretamente pelas modificações dos gêneros.

Assim, levando em consideração a prerrogativa de Marcuschi (2006, p. 27) de que novos gêneros nascem a partir de outros já existentes, o gênero videorresenha se apresenta como uma atualização ou, como diz o autor, uma transmutação do gênero resenha, mas com características próprias que atendem às necessidades da ambiência na qual é realizado. No caso da videorresenha, a esfera digital. Neste estudo, vamos analisar tanto os propósitos comunicativos quanto a organização retórica das videorresenhas que circulam na rede social TikTok, mais especificamente na comunidade discursiva do BookTok.

Uma pesquisa prévia a respeito do tema revelou que investigações sobre o gênero em questão são escassas. Aqui, destacamos os trabalhos de Britto e Silva (2019), que realizaram uma descrição estrutural e funcional de videorresenhas que circulam no canal do YouTube, a fim de estabelecer sua prototipicidade a partir da recorrência dos movimentos retóricos; e de Araújo, Andrade e Lima (2021), que analisaram, além do fenômeno da reelaboração de gênero, a organização sociorretórica das videorresenhas da comunidade discursiva do BookTube.

Em relação a estudos específicos sobre as videorresenhas do BookTok – nosso objeto de estudo –, encontramos apenas investigações que enfocam a utilização e o

funcionamento da plataforma digital de compartilhamento de vídeos, bem como a motivação dos produtores de conteúdo, os *booktokers*. Isso é possível observar no artigo de Guinez e Mansilla (2022), que se debruça sobre as causas que levam os *booktokers* da América Latina a gerar e compartilhar conteúdos sobre livros na rede social TikTok; e no trabalho de Cuestas, Pates e Saez (2022) que, a partir de um olhar sobre o funcionamento da referida mídia digital na Argentina, analisam as características e a produção destas videorresenhas, assim como a relação entre os *booktokers* e a indústria editorial. Em outra perspectiva, Merga (2021) problematiza em seu estudo a falta de engajamento dos jovens com a leitura e investiga como os *booktokers* podem influenciar e despertar o interesse dos jovens pela leitura.

Diante do exposto, percebemos que a pesquisa bibliográfica sobre videorresenhas do BookTok não retornou resultados de investigações sobre a constituição sociorretórica desse gênero nessa ambiência. Portanto, esse estudo se justifica pela necessidade de averiguar como o gênero videorresenha funciona discursivamente na comunidade discursiva do BookTok, preenchendo uma lacuna importante na literatura sobre o tema.

A presente investigação teve como objetivo geral analisar como o gênero videorresenha funciona discursivamente na comunidade do BookTok, especialmente em relação a sua organização retórica. Tendo em vista uma perspectiva mais específica, procuramos identificar os propósitos comunicativos do gênero videorresenha do BookTok e analisar sua organização retórica, destacando os padrões recorrentes de movimentos retóricos que asseguram a sua prototipicidade.

Do ponto de vista teórico, esta pesquisa está fundamentada nos estudos retóricos de gênero, na perspectiva sociorretórica swalesiana, que entende o gênero como um evento sociocomunicativo, realizado dentro de uma comunidade discursiva, tendo o propósito comunicativo como componente essencial, compartilhado por usuários da comunidade discursiva na qual o gênero circula, como nos aportam Swales (1990; 2016), Miller ([1984] 2009), Bhatia (1997) e Bazerman (2006).

Dessa forma, a metodologia utilizada na investigação do nosso *corpus*, formado por 10 (dez) videorresenhas do BookTok, toma como base o modelo CARS de análise de gêneros proposto por Swales (1990) – com fins de investigar a organização retórica do gênero introdução de artigo de pesquisa em língua inglesa –, porém adaptado para atender às necessidades do gênero estudado nesta pesquisa. Apoiar-nos-emos também nos estudos realizados por Motta-Roth (1995), Carvalho (2005), Biasi-Rodrigues e Bezerra (2012), entre outros autores representantes dos estudos sociorretóricos de gênero.

Dito isso, o presente artigo está organizado de acordo com uma estrutura retórica específica. Além da presente seção introdutória, a produção é composta por diversas seções temáticas. A segunda seção é dedicada à fundamentação teórica, que apresenta e sustenta as categorias que respaldam a análise realizada; nela apresentamos também uma discussão sobre o surgimento do gênero videorresenha e, em seguida, descrevemos a ambiência digital onde esse gênero é encontrado. Posteriormente, na terceira seção, detalhamos o processo metodológico empregado para realizar a análise. Na quarta seção, apresentamos os resultados da pesquisa. Finalmente, o texto é encerrado com uma seção de considerações finais, na qual expomos nossas impressões acerca da análise realizada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A seção de fundamentação teórica deste trabalho está estruturada em subseções distintas. Na primeira, serão apresentados os conceitos de gênero, propósito comunicativo e comunidade discursiva a partir da perspectiva sociorretórica preconizada por Swales (1990); na segunda subseção, por sua vez, será abordado o método de análise de gêneros proposto pelo autor e que servirá de instrumento de análise desta pesquisa; na terceira subseção, teceremos uma discussão acerca dos conceitos de resenha, suporte e videoresenha; e, na quarta subseção, abordaremos a ambiência das videoresenhas no BookTok.

2.1 Gênero, propósito comunicativo e comunidade discursiva na perspectiva sociorretórica de Swales

O estudo de gênero tem sido uma área de pesquisa relevante para compreender como a linguagem é usada em diferentes contextos. No campo da Linguística Aplicada, a abordagem sociorretórica de gêneros apresenta duas perspectivas: os Estudos Retóricos de Gênero (ERG), liderados por Carolyn Miller; e o Inglês para Fins Específicos (ESP), representado principalmente pelos estudos de John Swales. De acordo com Bawarshi e Reiff (2013, p. 80), o primeiro enfoque define o gênero como “formas de ação social”, enquanto o segundo o apresenta como “formas de ação comunicativa”. Nesse contexto, é importante destacar que concentraremos nossa atenção na última abordagem mencionada.

Na perspectiva sociorretórica de John Swales (1990), renomado linguista britânico, a análise de gêneros é entendida como uma ferramenta importante para a compreensão das práticas discursivas em comunidades específicas. O autor defende que os gêneros são responsáveis por organizar o comportamento humano, uma vez que o indivíduo se comunica por meio dos gêneros e escolhe o gênero mais adequado para alcançar seu objetivo dentro da comunicação. Dessa forma, o gênero é considerado como um produto da interação social e cultural, sendo moldado por fatores contextuais e por convenções estabelecidas ao longo do tempo, como nos revela o próprio estudioso:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e, portanto, constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério privilegiado que faz com que o escopo do gênero se mantenha relacionado estreitamente com uma determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva original como um protótipo. Os gêneros têm nomes importados por outras comunidades. Esses nomes constituem uma comunicação etnográfica valiosa, porém tipicamente precisam de validação adicional (SWALES, 1990 *apud* HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005 p. 58).

Com base nessa concepção, Swales (1990) nos permite entender que o reconhecimento de um gênero não depende apenas de suas características formais,

mas também de seus propósitos comunicativos e suas funções em contextos específicos. Podemos inferir, a partir disso, que a concepção de gênero proposta pelo autor tem uma relação direta com a definição tanto de propósito comunicativo quanto com a de comunidade discursiva.

O propósito comunicativo é definido como um critério privilegiado capaz de moldar e oferecer uma estrutura esquemática padrão para o gênero, considerando-se, no entanto, as variações que podem ocorrer em sua estrutura e estilo em decorrência de seu conteúdo e público-alvo. Segundo Biasi-Rodrigues e Bezerra (2012, p. 232), vários estudiosos estão de acordo com essa percepção ao entender que o propósito comunicativo surge “como um dos conceitos centrais para a compreensão da construção, interpretação e uso dos gêneros”.

No entanto, a partir do avanço nos estudos de gênero, Swales e Askehave (2009), ao perceberem que o propósito comunicativo nem sempre é claro e que por isso pode causar divergências entre os analistas, rediscutem a questão da centralidade do propósito comunicativo, chamando a atenção para a constatação da fluidez que ele apresenta. Como nos ilustra Nunes (2017a):

Para comprovar que o conceito de propósito comunicativo é fluido e indefinido, Askehave e Swales recorrem a alguns gêneros do cotidiano, dentre eles, a lista de compras. Os autores sustentam que a lista de compras pode cumprir diferentes propósitos, posto que, conforme pesquisas têm mostrado, além de servir para fazer a pessoa recordar o que se precisa comprar – como uma forma de auxílio à memória – a lista de compras também é usada por outras pessoas como autodisciplina, isto é, para prevenir compras por impulso (NUNES, 2017a, p.15).

Considerando a observação da flexibilidade dos gêneros, influenciada por sua dinamicidade e, conseqüentemente, sua funcionalidade, Askehave e Swales (2009) afirmam que o propósito comunicativo não é imediatamente identificador do gênero, sendo necessária uma confirmação do propósito, o que eles chamam de repropósito (*repurposing*). Nesse sentido, os propósitos comunicativos surgem como múltiplos e sociais, derivados de sua funcionalidade e não apenas de sua forma, uma vez que estão diretamente relacionados com o que os gêneros realizam na sociedade.

Contudo, é importante ressaltar que o propósito de um gênero não é necessariamente único e pré-determinado (BIASI-RODRIGUES; BEZERRA, 2012, p. 235). Neste sentido, os propósitos comunicativos são entendidos como os objetivos que um determinado gênero busca alcançar, considerando sua situação comunicativa específica dentro de uma comunidade discursiva.

De acordo com Swales, comunidades discursivas “são redes sociorretóricas que se formam a fim de atuarem em prol de conjuntos de objetivos comuns” (SWALES, 1990, p. 9 *apud* SILVEIRA, 2002, p. 78). O autor enfatiza que uma das características fundamentais das comunidades discursivas é que seus membros devem possuir conhecimento dos gêneros específicos usados para a comunicação dentro da comunidade.

Além disso, ele destaca que esses gêneros são propriedade da comunidade discursiva, e não dos indivíduos que a compõem. Dessa forma, podemos entender que as comunidades discursivas são formadas por um grupo de pessoas que compartilham interesses e objetivos comunicativos comuns, e que produzem tipos de texto específicos para serem utilizados dentro da comunidade, visando alcançar seus objetivos comunicativos.

Com a finalidade de reconhecer um grupo de pessoas como uma comunidade discursiva, o linguista britânico propôs uma lista de seis características, a saber: (1) ter um objetivo ou propósito comunicativo comum; (2) compartilhar um conjunto de valores e crenças; (3) ter um conjunto de gêneros textuais que são reconhecidos e utilizados pela comunidade; (4) ter um conjunto de práticas discursivas que regulam a produção e circulação dos textos; (5) ter membros que possuem habilidades e conhecimentos específicos que são necessários para participar plenamente da comunidade; e (6) ter um sistema de *feedback* que permite aos membros da comunidade avaliar e julgar os textos produzidos.

A concepção de comunidade descrita aqui tem sido objeto de críticas devido à dificuldade de definir o que constitui uma comunidade e em relação aos critérios empregados para identificá-la. Como resultado, o linguista britânico percebeu que a definição inicial concebida em 1990 era útil apenas para identificar grupos já existentes, mas que não era capaz de analisar como novos grupos se formam.

Reconhecendo que o conceito original de comunidades discursivas era estático e não acompanhava as transformações nas formas de comunicação, ele revisou os critérios estabelecidos e adicionou mais dois. Rampazzo e Aranha (2019), com base em Swales (2016), destacaram que a atualização dos critérios para o reconhecimento de uma comunidade discursiva segue a seguinte configuração:

Figura 01 – Critérios de reconhecimento de uma comunidade discursiva (CD)

- 1) um CD tem um conjunto de objetivos, os quais podem ser descobertos, formulados publicamente e reconhecidos por seus membros;
- 2) uma CD tem mecanismos de intercomunicação e atualmente podem contar com novas tecnologias digitais;
- 3) uma CD usa de seus mecanismos participatórios não apenas para oferecer *feedback*, mas também para gerenciar operações, promover recrutamento, mudanças e crescimento;
- 4) uma CD usa uma seleção de gêneros que se desenvolvem a medida em que são usados e reutilizados;
- 5) uma CD desenvolve uma terminologia específica que auxilia na promoção de eficiência;
- 6) existe uma hierarquia implícita ou explícita em uma CD que controla os processos de entrada e progressão e, por isso, alguns membros têm mais experiência discursiva;
- 7) uma CD desenvolve um senso de 'relações silenciais', o que significa dizer que há aspectos na comunidade que não precisam ser ditos ou explicados em detalhe;
- 8) uma CD tem uma percepção de sua história e um sistema de valor daquilo que pode ser considerado um bom ou mau trabalho.

Fonte: Rampazzo; Aranha, 2019, p. 377.

Através da flexibilização e expansão dos critérios utilizados na definição de comunidade discursiva, o linguista britânico conseguiu preencher as lacunas deixadas pela primeira definição. Ao reconhecer que esses critérios são suscetíveis a mudanças, a nova concepção de comunidade discursiva tornou-se mais flexível e adaptável às variações dos gêneros e proporcionou o surgimento de um novo léxico. Com isso, foi estabelecida a existência de três tipos de comunidades discursivas: local, focal e folocal.

Segundo Swales (2016), uma comunidade local é formada por indivíduos que trabalham ou desempenham funções similares em um mesmo local, compartilhando informações exclusivas e desenvolvendo um léxico específico que pode ser difícil de compreender por pessoas externas à comunidade. Por outro lado, uma comunidade

focal pode ser definida como uma associação que abrange uma região, nação ou vários países, e cujos grupos podem ser informais ou formais, estabelecendo normas, regras de adesão e hierarquias. A partir de conveniências modernas, como o uso das tecnologias que surgiram com a internet, os membros dessa comunidade se unem em torno de um *hobby* ou atividade recreativa em comum e também desenvolvem uma linguagem própria. Já a comunidade folocal combina as características das comunidades local e focal, formando uma comunidade híbrida, cujos membros são influenciados por fatores tanto internos quanto externos. Por isso, é importante que os membros da comunidade folocal alinhem suas atividades locais com as diretrizes estabelecidas em níveis nacional ou internacional.

Ao analisarmos a comunidade do BookTok, entendemos que se trata, de fato, de uma comunidade discursiva, visto que suas ações giram em torno de práticas sociais e discursivas. Seguindo a classificação proposta por Swales (2016), podemos classificar a comunidade do BookTok como uma comunidade focal, uma vez que seus membros se unem com o objetivo de realizar uma atividade recreativa.

2.2 Método de análise de gênero – o modelo CARS

Além de desenvolver os conceitos de gênero, propósito comunicativo e comunidade discursiva, o linguista britânico também contribuiu significativamente para os estudos de gênero ao desenvolver uma metodologia de análise de gêneros acadêmicos e profissionais. Essa metodologia surgiu a partir de uma investigação inicial em um *corpus* de 48 introduções de artigos de pesquisa, visando a identificar a regularidade dos movimentos retóricos realizados nessa seção desse gênero. Posteriormente, a metodologia foi aplicada na análise de 110 introduções de artigos em diversas áreas do conhecimento.

Após a conclusão da investigação, o autor constatou que as introduções dos artigos possuíam similaridades na organização das informações, indicando a recorrência de quatro movimentos retóricos específicos desse gênero. No entanto, devido a dificuldades na aplicação da metodologia de análise, os movimentos retóricos foram reduzidos para três: (1) estabelecer o território, (2) estabelecer o nicho e (3) ocupar o nicho. O estudo revelou ainda que esses movimentos retóricos são constituídos por passos que ajudam em sua organização.

O modelo de análise CARS (*Create a Research Space*) tem sido uma ferramenta eficaz na descrição não apenas de gêneros acadêmicos e profissionais, mas também de gêneros em diversas esferas discursivas. Esse método envolve a identificação da organização retórica do gênero por meio da recorrência de movimentos retóricos (*moves*) e seus passos (*steps*). Para Swales (2004), os movimentos e os passos são unidades retóricas que desempenham uma função comunicativa dentro do discurso. Assim, os movimentos retóricos são blocos de texto que desempenham funções específicas na comunicação e estão intimamente ligados aos propósitos comunicativos do gênero. Por sua vez, os passos são caracterizados pelas estratégias utilizadas pelos falantes/escrevintes para atender a funções específicas e compor os movimentos.

Essa metodologia proposta por Swales (1990) tem sido amplamente utilizada na esfera acadêmica, como demonstrado tanto nos estudos de Motta-Roth (1995) e Bezerra (2002), que examinaram a organização retórica do gênero resenha acadêmica em diferentes áreas do conhecimento (linguística, química, economia e teologia), quanto em outras pesquisas, como a de Alves Filho (2018) sobre a seção de justificativa de pré-projetos de pesquisa, ou a de Santana, Gonçalves e Queiroz

(2019) sobre a introdução de monografias, entre outros estudiosos que utilizaram esse método com sucesso.

O modelo CARS também tem sido eficaz na análise de gêneros em outras esferas da atividade humana, conforme evidenciado em estudos como o de Silveira (2002) sobre o gênero ofício; o de Nunes (2019; 2020) sobre a carta do leitor e Nunes (2017b) sobre o memorando na esfera estatal; o de Santos e Ramos (2021) sobre a reportagem de divulgação científica; o de Araújo, Andrade e Lima (2021) sobre a videorresenha do BookTube; o de Ferreira (2021) sobre o termo de declaração lavrado em delegacias em situações de violência contra a mulher, entre outros. Dessa forma, entendemos que a aplicação do método desenvolvido por Swales (1990) inspirou nossas exigências metodológicas para examinar o comportamento retórico das videorresenhas do BookTok.

2.3 Gênero resenha, suporte e videorresenha

A resenha é um gênero definido por Andrade (2006, p.11) como “uma síntese seguida de comentário sobre obra publicada, geralmente feita para revistas especializadas das diversas áreas da ciência, arte e filosofia”. Motta-Roth e Hendges (2010, p. 28) aprofundam esse conceito e acrescentam que, além de descrever e avaliar a obra, “a pessoa que lê e aquela que escreve têm objetivos convergentes: uma busca e a outra fornece uma opinião a partir de um ponto de vista informado pelo conhecimento produzido anteriormente sobre aquele tema”.

De acordo com Machado (1996), com base em Beacco & Darot (1984), do ponto de vista discursivo, a resenha é constituída por três operações: descrever, apreciar e interpretar. Essa sequência se reflete na organização retórica do gênero, como apontam os estudos de Motta-Roth e Hendges (2010), que identificaram que a estrutura retórica da resenha compreende quatro movimentos: apresentar, descrever, avaliar e (não) recomendar o produto cultural resenhado.

O gênero resenha circula em várias esferas de atividade humana e pode se ocupar de obras diferentes. Assim, é possível encontrar uma resenha acadêmica, uma resenha de filme em um jornal impresso, uma resenha de livro publicada em uma revista ou ainda uma resenha sobre uma peça de teatro no telejornal etc. Cada uma dessas resenhas se apresenta a partir de um suporte: jornal impresso, revista, televisão.

Marcuschi (2008) conceitua suporte utilizando três critérios: lugar (físico ou virtual), formato específico e fixação do gênero. Ele afirma que “o suporte de um gênero é uma superfície física em um formato específico que suporta, fixa e exhibe um texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174). O autor acrescenta ainda que não há neutralidade no suporte e defende que o gênero exige um suporte específico para sua realização.

Marcuschi (2008) exemplifica, a partir da transmissão de uma mensagem, de que forma o suporte modifica o gênero. Se a mensagem for escrita em um papel, se trata do gênero bilhete; se for transmitida por uma secretária, temos o gênero recado; se for enviada pelos correios, a partir de formulário próprio, estamos diante do gênero telegrama. Nesses casos, o conteúdo da mensagem não vai mudar, no entanto o gênero sofre alteração em relação ao suporte no qual é apresentado.

O pressuposto de Marcuschi (2008) de que o gênero ganha uma nova configuração a partir da mudança do suporte é defendido por Bezerra (2010), ao investigar a transmutação dos gêneros textuais relacionados à apresentação de livros acadêmicos na ambiência virtual, quando o autor conclui que:

O suporte assume um papel fundamental não só na circulação e materialização do gênero, mas no seu uso e interpretação, inclusive pela percepção de que a mudança de suporte pode ocasionar uma radical mudança nos propósitos comunicativos (BEZERRA, 2010, p. 59).

Ao considerar que a mudança de suporte implica mudança dos propósitos comunicativos, Bezerra (2009, p. 465) acrescenta que modificações extremas nos propósitos comunicativos “resultam na construção de gêneros diferentes”. Discutir essa relação entre suporte e gênero é observar o aparecimento de novos gêneros em função da adequação necessária do gênero ao novo suporte, tendo em vista alcançar seus propósitos comunicativos. Isso pode ser verificado levando em consideração o surgimento de novas tecnologia que conduzem a novas formas de comunicação.

Com base no exposto, é possível inferir que o gênero resenha, tradicionalmente apresentado em um texto escrito e veiculado em suportes físicos, sofre alterações quando transportado para o ambiente virtual da internet. Nesse contexto, a internet é vista como “um suporte que hospeda e conduz gêneros dos mais diversos formatos” (MARCUSCHI, 2008, p.186). A partir desse entendimento, a videorresenha surge como uma resenha oral em formato de vídeo que incorpora elementos multimodais, se configurando como um gênero derivado da resenha. Tal concepção segue a compreensão do linguista brasileiro de que “os gêneros desenvolvem-se de maneira dinâmica e novos gêneros surgem como desmembramento de outros, de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias” (MARCUSCHI, 2006, p. 27).

Em um estudo realizado sobre a prototipicidade do gênero videorresenha na ambiência do YouTube, Brito e Silva (2019) observaram que o gênero em questão apresenta a manutenção da sequência tipológica de descrição, argumentação e injunção, além do propósito comunicativo em comum com o gênero resenha. Essas semelhanças contribuem para estabelecer a videorresenha como um novo gênero, tendo sua origem no modelo prototípico da resenha.

A videorresenha apresenta como uma de suas características principais a presença da multimodalidade. A multimodalidade abrange tanto a linguagem verbal, por meio da expressão oral e escrita, quanto a linguagem não verbal. Entendemos a multimodalidade como um requisito básico da ambiência digital, que funciona como estratégias utilizadas pelos produtores das videorresenhas para ilustrar, exemplificar e caracterizar as informações sobre o livro que está sendo apresentado. Elementos como áudio, vídeo e imagens são inseridos por meio de edição e contribuem para a compreensão daquilo que o videorresenhista deseja comunicar.

O uso da linguagem oral é outro elemento distintivo entre os gêneros resenha e videorresenha, pois o discurso falado desempenha um papel importante nessa diferença. Na modalidade oral da língua, é comum observarmos fenômenos como hesitação, correção, interrupção e até mesmo abandono da construção sintática, assim como a presença de marcadores conversacionais, repetição de palavras e informações, que são características presentes tanto nas videorresenhas quanto na fala cotidiana.

Essas características se justificam pelo fato de que, na linguagem oral, o texto nem sempre é planejado antecipadamente, pois está constantemente sendo (re)elaborado no momento da comunicação. Ademais, para se aproximar do seu público-alvo, o videorresenhista utiliza uma linguagem mais informal e até mesmo

coloquial, como se estivesse em uma conversa direta com seu interlocutor. Essas marcas da oralidade conferem ao texto do videorresenha um efeito interacional e conversacional, tornando-o mais próximo e envolvente para o espectador.

Outra particularidade marcante da videorresenha é o comportamento não verbal do videorresenhista. Em geral, o criador de conteúdo desenvolve sua própria imagem e estilo, estabelecendo uma conexão com sua audiência através do uso de elementos paralinguísticos e cinésicos. Os componentes paralinguísticos referem-se à qualidade e à forma como a voz é utilizada, incluindo a entonação, o tom, a velocidade, o volume, a inflexão, as pausas, entre outros. Já os componentes cinésicos dizem respeito à linguagem corporal, como gestos, expressões faciais, postura e outros comportamentos físicos. Esses elementos desempenham um papel fundamental na construção da identidade do videorresenhista. Além disso, a comunicação não verbal, combinada com a linguagem oral, tem a capacidade de transmitir emoções e sentimentos, podendo reforçar ou contradizer o conteúdo da videorresenha.

É de extrema importância destacar que, devido à natureza intrínseca do suporte de um gênero que se desenvolve no ambiente digital, a videorresenha também se diferencia da resenha tradicional por conta dos recursos interacionais específicos das redes sociais. Plataformas como o TikTok, por exemplo, proporcionam ferramentas de interação, como botões de curtir, comentar e compartilhar o conteúdo, os quais são características constitutivas do ambiente digital em questão.

2.4 A ambiência das videorresenhas do BookTok

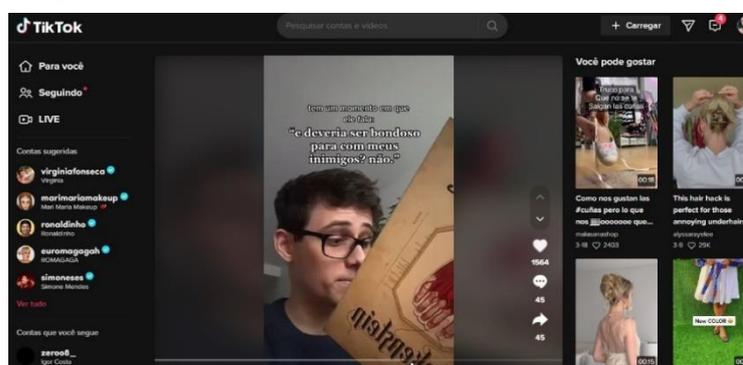
O BookTok é uma comunidade discursiva do TikTok que reúne os usuários em torno de um tema em comum, que é a paixão pelos livros. A propósito, cumpre esclarecer que o TikTok é uma rede social criada em 2016 pela empresa chinesa ByteDance, sob o nome inicial de Douyin, como uma plataforma de vídeos de curta duração para o mercado chinês. A intenção era permitir que os usuários criassem e compartilhassem vídeos curtos, geralmente com música e dança, em um formato fácil de usar e altamente viral. Inicialmente, o aplicativo foi lançado apenas na China, mas rapidamente ganhou popularidade, com mais de 100 milhões de usuários ativos em menos de um ano. Em 2017, a ByteDance adquiriu o aplicativo Musical.ly, uma plataforma semelhante que era popular entre os jovens nos Estados Unidos e em outros países ocidentais. Com a aquisição, a ByteDance fundiu o Douyin com o Musical.ly, criando o TikTok, que foi lançado globalmente em 2018.

A plataforma digital se tornou um sucesso imediato, especialmente entre os jovens. Com uma interface simples e recursos criativos, os usuários poderiam criar e compartilhar suas produções em uma ampla gama de temas, incluindo dança, comédia, beleza, educação, esportes e muito mais. Podemos dizer que seu sucesso se deve em grande parte à sua capacidade de conectar as pessoas em todo o mundo através de vídeos curtos e cativantes, proporcionando uma experiência de entretenimento única.

Diante desse contexto, no caso específico das videorresenhas do BookTok, os criadores de conteúdo dessa comunidade do TikTok, conhecidos como *booktokers*, são os responsáveis pela produção dos vídeos, que se concentram em livros, inclusive literários. Através desses vídeos, eles compartilham suas opiniões, experiências de leitura, apresentam resenhas, discutem personagens e tramas, tudo isso de forma criativa e divertida para uma comunidade engajada de seguidores, recomendando títulos para seus fãs.

Os vídeos dos *booktokers* geralmente apresentam cenas de livros, acompanhadas de música e legendas, com dicas de leitura e trechos de suas obras favoritas. Essas produções também podem ser usadas para discutir temas literários importantes, como diversidade na literatura, questões sociais e políticas, e a importância da leitura na formação pessoal e educacional.

Figura 02 – Print de videorresenha do BookTok



Fonte: TitkTok (2023)

Os *booktokers* se tornaram cada vez mais populares no TikTok, especialmente entre os jovens, que estão procurando novas maneiras de descobrir e compartilhar seus interesses literários. Alguns *booktokers* têm uma base de seguidores considerável, o que lhes permite exercer influência no mundo da literatura e das editoras, já que seus vídeos podem influenciar as vendas de livros e a forma como as pessoas veem determinados títulos.

Diante do exposto, e tendo em mente a concepção de que os gêneros são utilizados para atender às necessidades de um grupo de pessoas que formam uma comunidade (SWALES, 1990), entendemos que as videorresenhas do BookTok fazem parte de uma comunidade discursiva, formada pelos usuários da rede social TikTok, que compartilham os mesmos propósitos comunicativos. De maneira geral, os membros dessa comunidade têm como objetivo compartilhar experiências relacionadas à leitura de livros, fornecendo aos usuários da rede social informações e avaliações acerca da obra em questão.

3 METODOLOGIA

Os procedimentos realizados nesta investigação apresentam traços de natureza descritiva, uma vez que descrevem características e estabelecem relações entre variáveis, a partir da utilização de procedimentos uniformizados de coleta de dados. Dessa forma, este estudo se insere no âmbito da pesquisa qualitativa, pois busca capturar a complexidade e as nuances dos processos sociais através da coleta e análise de dados descritivos e interpretativos. A preocupação aqui não é com o resultado em si, mas como o caminho percorrido para chegar a este resultado, como argumenta Godoy (1995):

Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto. O interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades,

procedimentos e interações diárias. Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações (GODOY, 1995, p. 63).

Embora os dados desta pesquisa sejam analisados prioritariamente a partir da abordagem qualitativa, ao descrever um fenômeno linguístico, ressaltamos que a abordagem quantitativa também será levada em consideração por fornecer dados estatísticos a respeito das recorrências dos movimentos e passos retóricos do gênero analisado, o que será útil para estabelecer o padrão retórico do gênero.

Para compreender a dinâmica discursiva do gênero videorresenha na comunidade do BookTok, foi analisada a sua estrutura retórica através da identificação dos movimentos e passos retóricos presentes em um *corpus* formado por dez (10) exemplares de videorresenhas postadas na rede social TikTok, entre os dias 28 de fevereiro de 2023 e 05 de março de 2023. A seleção da amostra foi baseada em dois critérios: 1) a duração do vídeo, que deveria variar de quarenta e cinco segundos (0'45") a um minuto e trinta segundos (1'30"); e 2) a busca na plataforma TikTok através das *hashtags*: #booktok, #booktokersbrasil e #resenhadelivro. A primeira condição foi estabelecida para garantir à amostra uma certa padronização de quantidade de elementos apresentados em relação ao tempo de exibição e a segunda para especificar os membros da comunidade discursiva, além de restringir o conteúdo à produção nacional.

Após a seleção dos exemplares para análise, procedemos com a transcrição das videorresenhas como primeiro passo. É importante mencionar que, dado nosso enfoque específico na estrutura retórica do texto das videorresenhas, em vez de análise do discurso, adotamos uma abordagem de transcrição livre.

Em seguida, utilizamos o modelo CARS de análise de gêneros, proposto por Swales (1990), para identificar os movimentos retóricos presentes. Embora estudos anteriores já tenham indicado padrões retóricos nas videorresenhas do YouTube (BRITO; SILVA, 2019; ARAÚJO *et al.*, 2021), nosso objetivo foi adaptar a metodologia swalesiana para realizar uma análise autêntica que identificasse padrões específicos da videorresenha na comunidade discursiva BookTok, presentes na rede social TikTok, objeto de investigação deste estudo.

Durante a análise, optamos por identificar os movimentos retóricos por meio do estabelecimento de blocos de texto que desempenham funções específicas, com o objetivo de reconhecer os propósitos comunicativos conforme sugerido por Bhatia: “embora as marcas de superfície sejam indicadores razoavelmente confiáveis dos valores discursivos na maioria dos contextos, os critérios definitivos para a atribuição de valores discursivos aos vários movimentos são funcionais e não formais” (BHATIA, 1993, p. 87, *apud* CARVALHO, 2002, p.179).

Esse fato nos fez perceber que a fronteira entre um movimento retórico e outro é muito sutil, e que é possível que mais de um movimento esteja presente no mesmo bloco de texto. Além disso, a delimitação de cada passo retórico também apresenta uma fronteira tênue, tornando possível a ocorrência de um passo específico de um movimento dentro de outro movimento retórico diferente. Essas características refletem a maleabilidade do gênero.

Após identificar os movimentos retóricos, e seus passos correspondentes presentes em cada videorresenha, procedemos à análise da recorrência desses

movimentos, com o objetivo de descrever um padrão retórico característico das videorresenhas do BookTok e, assim, estabelecer sua prototipicidade, a partir de uma amostra representativa do gênero. Vale ressaltar que utilizamos como critério de ordenação dos movimentos a sua recorrência na sequência em que apareciam no texto da videorresenha. Dessa forma, o primeiro movimento retórico (MR1) identificado sempre se apresentou no início de cada exemplar, seguido pelo segundo movimento (MR2) e assim por diante. Quanto à ordem dos passos, estabelecemos o critério com base no número de repetições de cada passo. Desse modo, o passo retórico mais frequente em cada movimento analisado foi designado como o passo retórico um (PR1) daquele movimento. Para facilitar a análise, cada videorresenha recebeu uma codificação alfanumérica, sendo VR01 a primeira a ser codificada neste estudo e assim sucessivamente até a VR10.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A produção do gênero videorresenha é viabilizada pelas novas tecnologias que surgiram junto com a internet. A fim de atender às necessidades comunicativas dessa esfera discursiva, é necessário que esse gênero se adapte tanto em sua estrutura interna quanto na linguagem utilizada. Essas mudanças influenciam diretamente a maneira como a comunicação ocorre, gerando novas configurações no modo de interação social e linguística.

Destacamos, portanto, que a comunidade discursiva na qual a videorresenha é veiculada é fundamental para que a sua produção seja adequada. Os gêneros são responsáveis por suprir as necessidades comunicativas dos membros de uma comunidade discursiva, que, por sua vez, estabelecem um padrão discursivo que atende aos seus propósitos comunicativos comuns.

No caso específico das videorresenhas que circulam na comunidade discursiva do BookTok, nossa pesquisa aponta que se trata de uma comunidade focal, centralizada em torno de um *hobby* ou atividade recreativa. De acordo com Swales (2016, p. 6), os membros dessa comunidade podem ter diferentes nacionalidades, idades, ocupações, situações financeiras e formações educacionais.

Ao examinar a demanda descrita neste estudo sobre a organização retórica do gênero videorresenha no BookTok, pudemos constatar que a amostra apresenta certas peculiaridades que são atribuídas ao seu contexto como parte de uma comunidade discursiva inserida na esfera digital. Para facilitar a compreensão da análise, os resultados serão demonstrados nas ilustrações a seguir, começando pela apresentação de um exemplar autêntico e prototípico do gênero em questão.

Fig. 03 – Exemplar prototípico de videorresenha (VR06)

imagine a seguinte situação você é uma jovem pobre que mora com a sua mãe em um acampamento de trailer e quando chega cansada de uma jornada de trabalho se depara com sua mãe morta no sofá de casa graças ao vício que ela tinha pesado né mas é assim que temos nosso primeiro contato com beyah ou beyuh não sei até agora não entendi como fala o nome dela mas essa é a nossa personagem principal do livro até o verão terminar depois de todo esse choque ela decide morar com seu pai até o início das aulas da faculdade só que ela não lembrava que agora ele tem uma nova família além de toda essa situação parental complicada ela acaba se envolvendo com um carinha que não fala muitos detalhes da sua vida mas eles decidem ficar juntos e não

pensar nos problemas até o verão terminar e ele promete contar tudo sobre sua vida no último dia deles juntos esse livro não é só sobre o amor jovem de verão mas sim sobre encontrar pessoas que entendam de igual para igual o sofrimento e as decisões erradas e difíceis que ambos tiveram que tomar para continuarem vivos só posso dizer que o plot final me deixou chocada e passou longe de tudo que eu consegui imaginar fiquei completamente apaixonada pelos personagens principais mas principalmente por beyah toda sua trajetória até o final do livro mexeu muito comigo sem dúvida é um dos livros mais tranquilos da colleen hoover que eu já li.... e mesmo sendo previsível consegue ser o meu favorito e aí gostou então me segue pra ver mais

Fonte: Acervo da pesquisa.

A partir de pistas semânticas e linguísticas, foi possível identificar os movimentos retóricos presentes no gênero videorresenha. Esses movimentos ajudam a compreender o propósito do videorresenhista em cada parte do texto. O estudo empreendido indica que, embora a videorresenha compartilhe alguns movimentos retóricos com a resenha escrita – como apresentação, descrição, avaliação e recomendação (MOTTA-ROTH, 1995) –, seu propósito comunicativo global é diferenciado pelo acréscimo de outras funções que visam a sensibilizar e envolver o usuário, como o relato de experiências pessoais com a leitura e a solicitação de interação com membros da comunidade. Esses novos movimentos levam em consideração o contexto de produção do gênero, refletindo as exigências do meio digital no qual a videorresenha circula, distinguindo-a, assim, da resenha escrita.

A respeito do surgimento de um novo propósito comunicativo, Swales esclarece que: “os propósitos sociais evoluem, podendo se expandir ou se retrair [ou seja] os quadros de atividade social e os padrões podem mudar” (SWALES, 2004, p. 73 *apud* ANDRADE 2021, p. 10). Essa afirmação indica que os propósitos comunicativos têm uma natureza social e estão em constante evolução para atender às necessidades da sociedade. A partir dessa nova configuração, entendemos a videorresenha como uma atualização do gênero resenha, conforme exposto anteriormente.

O resultado da observação de padrões de recorrências na amostra selecionada de 10 (dez) videorresenhas da comunidade discursiva do BookTok constatou a presença de 6 (seis) movimentos retóricos (MR), quais sejam: MR1 – *apresentando o livro*; MR2 – *descrevendo o livro*; MR3 – *avaliando o livro*; MR4 – *relatando experiência com a leitura*; MR5 – *recomendando o livro*; e MR6 – *solicitando interação do usuário*. Os movimentos retóricos desempenham uma função comunicativa dentro do texto, como nos sinaliza Swales (1990). Esses movimentos são constituídos por passos retóricos (PR), que são as estratégias discursivas que os *booktokers* empregam para alcançar o objetivo comunicativo de cada movimento. O quadro 01 nos permite visualizar de maneira mais nítida os movimentos retóricos e passos retóricos do exemplar analisado (VR06), o qual se mostrou prototípico e está sendo utilizado como exemplo.

Quadro 01 – Videorresenha esquematizada em movimentos e passos retóricos (VR06)

Movimentos Retóricos (MR)	Texto da Videorresenha (VR06)	Passos Retóricos (PR)
---------------------------	-------------------------------	-----------------------

MR1 – Apresentando o livro	imagine a seguinte situação você é uma jovem pobre que mora com a sua mãe em um acampamento de trailer e quando chega cansada de uma jornada de trabalho se depara com sua mãe morta no sofá de casa graças ao vício que ela tinha pesado né	PR1- Apresentando o enredo geral
	mas é assim que temos nosso primeiro contato com beia ou beyah não sei até agora não entendi como fala o nome dela mas essa é a nossa personagem principal do livro	PR4- Apresentando personagem(ns) principal(is)
	até o verão terminar	PR3 – Informando título do livro
MR2 – Descrevendo o livro	depois de todo esse choque ela decide morar com seu pai até o início das aulas da faculdade só que ela não lembrava que agora ele tem uma nova família além de toda essa situação parental complicada	PR1- Detalhando a trama
	ela acaba se envolvendo com um carinha que não fala muitos detalhes da sua vida mas eles decidem ficar juntos e não pensar nos problemas até o verão terminar e ele promete contar tudo sobre sua vida no último dia deles juntos	PR2- Apresentando outras personagens
MR3 – Avaliando o livro	esse livro não é só sobre o amor jovem de verão mas sim sobre encontrar pessoas que entendam de igual para igual o sofrimento e as decisões erradas e difíceis que ambos tiveram que tomar para continuarem vivos	PR1- Estimando enredo global
MR4 – Relatando experiência com a leitura	só posso dizer que o plot final me deixou chocada e passou longe de tudo que eu consegui imaginar fiquei completamente apaixonada pelos personagens principais mas principalmente por beyah toda sua trajetória até o final do livro mexeu muito comigo	PR1- Refletindo sobre o tema do livro
MR 5 – Recomendando o livro	sem dúvida é um dos livros mais tranquilos da colleen hoover que eu já li.... e mesmo sendo previsível consegue ser o meu favorito	PR1- Recomendando a leitura
MR 6 – Solicitando interação do usuário	e aí gostou então me segue pra ver mais	PR2 - Convidando para seguir o <i>booktoker</i>

Fonte: Elaboração da autora.

O texto presente na figura 03, e esquematizado no quadro 01, corresponde à transcrição livre da VR06 sobre o livro “Até o verão terminar”, da escritora Colleen Hoover. Conforme é possível notar no quadro acima, a videorresenha começa com o MR1 – *apresentando o livro* – responsável por iniciar a comunicação com o usuário, introduzindo o enredo do livro. No exemplo acima, a *booktoker*, além de expor a trama geral, optou, também, por apresentar a personagem principal e informar o título do livro, como estratégias para alcançar seu propósito comunicativo.

O MR1 – *apresentando o livro* – apresenta a recorrência de 100% na amostra analisada. Além dos três passos utilizados no exemplo anterior, podemos observar outras estratégias empregadas pelos produtores de conteúdo. Depois do passo *apresentando o enredo*, que aparece em 90% das videorresenhas analisadas, o outro passo que mais se repete é *justificando a escolha do livro*, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 02 – Fragmento de transcrição (VR01)

se eu pudesse mandar em todas as escolas do país, e colocar um livro na sala de aula e todas as crianças e adolescentes e adultos, porque eu li adulta, mas todo mundo teria que ler esse livro com certeza seria a **bolsa amarela** da *lygia bojunga* e eu tenho uma bolsa amarela igualzinha pra provar

Fonte: Acervo da pesquisa [grifos nossos].

No texto do fragmento do quadro 02, a parte destacada em negrito se refere ao PR03, *destacando título do livro*, enquanto o destaque em itálico se refere ao PR05, *informando o autor*. Já o PR04, *destacando personagem(ns) principal(is)*, está presente no fragmento a seguir.

Quadro 03 – Fragmento de transcrição (VR10)

aqui a gente vai acompanhar a história da Naomi que é uma noiva em fuga e ela acabou de fugir do próprio casamento

Fonte: Acervo da pesquisa.

Com um índice de 70% de presença nas videorresenhas, o MR2 – *descrevendo o livro* – tem como objetivo oferecer uma ampliação do tema abordado, proporcionando ao leitor uma visão do todo do livro, ao enfatizar detalhes da trama. Como estratégia para compor esse movimento, podemos observar no quadro 01 que a *booktoker* realiza o PR1, *detalhando a trama*, e o PR02, *apresentando outras personagens*. O passo *detalhando a trama* é o mais utilizado, surgindo em 7 das 10 videorresenhas analisadas. Em outros exemplares da amostra, o PR03 *situando o gênero* e o PR04 *citando fragmentos do texto*, são utilizados. Conforme podemos observar nos quadros 04 e 05, respectivamente.

Quadro 04 – Fragmento de transcrição (VR03)

como todo bom friend still loves

Fonte: Acervo da pesquisa.

Quadro 05 – Fragmento de transcrição (VR08)

tem um momento que ele literalmente fala não havia ninguém entre a miríade de homens existentes que pudesse ter pena ou ajudar-me e deveria ser bondoso para com meus inimigos? não desde aquele momento declarei guerra eterna contra a espécie e sobretudo contra aquele que me criou abandonando-me nesta angustia insuportável

Fonte: Acervo da pesquisa.

Por sua vez, o MR3 – *avaliando o livro* –, que recorreu em 100% do *corpus*, é encarregado de expressar o ponto de vista do videorresenhista em relação ao livro. Isso é feito por meio da emissão de um juízo de valor que busca persuadir o espectador sobre a qualidade da obra. Para alcançar esse objetivo o passo mais utilizado é o PR01, *estimando o enredo global*, conforme podemos ver no quadro 06. Para compor o MR3 também são executados os PR02, *estimando partes do livro*, como vemos no quadro 07 e o PR03, *dando estrelas*, apresentado no quadro 08.

Quadro 06 – Fragmento de transcrição (VR02)

vale dizer que esse livro é genial a forma como é escrito como é pensado toda a ideia é super relevantemente

Fonte: Acervo da pesquisa.

Quadro 07 – Fragmento de transcrição (VR07)

tudo nele é muito bom a escrita a forma como tudo acontece é tudo muito bom principalmente porque esse livro intercala narração reportagens documentário escrito sobre o que aconteceu é tudo muito tudo muito bem calculado o livro é bem fácil de ler e ele é bem curtinho também

Fonte: Acervo da pesquisa.

Quadro 08 – Fragmento de transcrição (VR04)

eu amei esse livro dei 5 estrelas

Fonte: Acervo da pesquisa.

O objetivo do MR4 – *relatando experiência com a leitura* – é sensibilizar e atrair a atenção dos membros da comunidade. Nele, o *booktoker* compartilha suas reflexões sobre o tema, bem como os sentimentos despertados durante a leitura. Ele está presente em 70% das videorresenhas analisadas e é um dos principais movimentos que diferenciam o gênero videorresenha do gênero resenha. Essa diferença se deve à presença da multimodalidade, característica do meio digital, ao permitir que o videorresenhista expresse suas emoções por meio de imagens, músicas, vídeos, além de utilizar uma série de recursos extralinguísticos presentes na linguagem oral, tais como entonação, postura, gestos e expressões faciais que facilitam a comunicação de ideias. A estratégia *refletindo sobre o tema do livro* (PR1) é um dos passos que compõe o MR4, como podemos observar no quadro 09.

Quadro 09 – Fragmento de transcrição (VR02)

e te deixa muito pensando sobre aquela ideia de tipo o que é suficiente o mundo te zoa quando você é pouco mas ele não quer que você seja demais pra ele não se sentir pouco

Fonte: Acervo da pesquisa.

Outra estratégia representativa desse movimento é o PR2, *expressando sentimentos despertados pela leitura*, como constatamos abaixo.

Quadro 10 – Fragmento de transcrição (VR05)

é uma leitura muito difícil de não se apaixonar chorei em alguns momentos do livro **sentindo como se kya fosse minha irmã**

Fonte: Acervo da pesquisa [grifos nossos].

No exemplo transcrito acima, é possível notar também, destacado em negrito, a presença do PR3, *identificando-se com as personagens*. A última estratégia que compõe esse movimento é realizada através do PR4, *aconselhando modo de leitura*, ilustrado a seguir.

Quadro 11 – Fragmento de transcrição (VR02)

mas eu digo que acho que li errado porque eu não li muito rápido eu demorei algumas boas semanas e eu acho que não peguei todo o impacto da história do Charlie falaram que eu ia chorar eu tô me sentindo bem sem coração porque não deu certo mas é por isso sabe eu acho que se eu tivesse lido tudo de uma vez, em uma sentada sabe maratonado eu ia ter me envolvido muito mais com a história do charlie e pegado mais impacto então essa é minha recomendação para que for ler mas não tira nada da genialidade do livro

Fonte: Acervo da pesquisa.

A tarefa do MR5 – *recomendendo o livro* – é arrematar a avaliação, ou seja, fazer uma avaliação final do conteúdo abordado e indicar ao usuário a leitura do livro. Esse movimento teve uma recorrência expressiva, pois se apresentou em 80% do *corpus*. As táticas mais utilizadas nesse movimento são *recomendendo a leitura* (PR1) e *recomendendo a leitura com ressalva* (PR2). O primeiro pode ser executado de forma explícita, textualmente (*eu recomendo*), ou de forma implícita, recuperando os elogios que são feitos ao texto. Para ilustrar como aparece a recomendação direta e a recomendação sob ressalva, vejamos, respectivamente, os próximos exemplos:

Quadro 12 – Fragmento de transcrição (VR05)

sem dúvida é um livro que eu recomendo de olhos fechados

Fonte: Acervo da pesquisa.

Quadro 13 – Fragmento de transcrição (VR04)

recomendo muito mas por favor cheque os gatilhos antes porque realmente é muito pesado mas vale muito a pena ler

Fonte: Acervo da pesquisa.

O MR6 – *solicitando interação do usuário* – foi o último movimento retórico descoberto durante a análise e, ao mesmo tempo, o menos expressivo, uma vez que recorreu em apenas 20% do *corpus* analisado; no entanto, a sua relevância se justifica em virtude da amostra ser composta por apenas 10 (dez) exemplares do gênero videorresenha. Assim como o MR4, este movimento tem características próprias dos gêneros que circulam na ambiência virtual. Ele aponta para a possibilidade de interação entre o videorresenhista e os membros da comunidade do BookTok. Isso é possível pelo fato de as redes sociais disponibilizarem ferramentas próprias para

interação (ARAÚJO *et al.*, 2018, p. 116). O MR6 é composto por dois passos: *requerendo feedback nos comentários* (PR1) e *convidando para seguir o booktoker* (PR2). No quadro 14, observamos a ocorrência do PR1. Enquanto no quadro 15 podemos ver a presença do segundo (PR2).

Quadro 14 – Fragmento de transcrição (VR03)

Se você curtiu essa dica, deixa o emoji de um computador aqui nos comentários ou qualquer emoji nerd tá valendo.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Quadro 15 – Fragmento de transcrição (VR06)

e aí gostou então me segue pra ver mais

Fonte: Acervo da pesquisa.

Durante a análise, constatamos que os movimentos e passos retóricos presentes nas videorresenhas podem ser obrigatórios ou opcionais. Cabe ao *booktoker* escolher as estratégias que melhor atendam a sua intenção comunicativa na construção do texto. Nesse sentido, é importante salientar que esta investigação não tem como objetivo apresentar uma estrutura prototípica fixa do gênero videorresenha, mas sim demonstrar o padrão retórico encontrado em nosso *corpus*, que reflete o funcionamento discursivo da videorresenha gênero na comunidade do BookTok. É importante ressaltar que a descrição da organização retórica da videorresenha é um recorte das práticas sociais e culturais dos produtores de conteúdo da rede social TikTok. Portanto, trata-se de uma descrição feita a partir do tratamento dos dados, sem qualquer caráter prescritivo, como podemos verificar abaixo.

Quadro 16 – Movimentos e passos retóricos da videorresenha no BookTok com a recorrência dos passos

<p>Movimento 1 - Apresentando o livro</p>	<p>Passo 1 – Apresentando o enredo geral e/ou (VR1, VR2, VR3, VR4, VR5, VR6, VR8, VR9, VR10) Passo 2 – Justificando a escolha do livro e/ou (VR1, VR2, VR3, VR4, VR7, VR8, VR9, VR10) Passo 3 – Informando título do livro e/ou (VR1, VR3, VR4, VR5, VR6, VR7, VR9, VR10) Passo 4 – Apresentando personagem(ns) principal(is) e/ou (VR2, VR3, VR5, VR6, VR8, VR9, VR10) Passo 5 – Informando autor e/ou (VR1, VR4, VR9) Passo 6 – Informando editora (VR9, VR10)</p>
<p>Movimento 2 – Descrevendo o livro</p>	<p>Passo 1 – Detalhando a trama e ou (VR2, VR3, VR4, VR5, VR6, VR8, VR10) Passo 2 – Apresentando outras personagens e /ou (VR5, VR6, VR10) Passo 3 – Situando o gênero do livro e/ou (VR3)</p>

	Passo 4 – Citando fragmentos do texto (VR8)
Movimento 3 – Avaliando o livro	Passo 1 – Estimando enredo global e/ou (VR1, VR2, VR3, VR5, VR6, VR9, VR10) Passo 2 – Apreciando partes do livro e/ou (VR4, VR7) Passo 3 – Dando estrela (VR4)
Movimento 4 – Relatando experiência com a leitura	Passo 1 – Refletindo sobre o tema do livro e/ou (VR1, VR2, VR5, VR6) Passo 2 – Expressando sentimentos despertados pela leitura e/ou (VR3, VR5, VR8, VR10) Passo 3 – Identificando-se com as personagens e/ou (VR5) Passo 4 – Aconselhando modo de leitura (VR2, VR7)
Movimento 5 – Recomendando o livro	Passo 1 – Recomendando a leitura e/ou (VR1, VR2, VR3, VR5, VR6, VR7, VR9) Passo 2 – Recomendando a leitura com ressalvas (VR4)
Movimento 6 – Solicitando interação do usuário	Passo 1 – Requerendo <i>feedback</i> nos comentários e/ou (VR3) Passo 2 – Convidando para seguir o <i>booktoker</i> (VR6)

Fonte: Elaboração da autora.

Como é possível observar no quadro acima, cada movimento retórico requer passos específicos que contribuem para a realização de um propósito comunicativo. Neste estudo, constatamos que, apesar de haver regularidade em relação à organização retórica da videorresenha, o mesmo não acontece com a frequência e a ordenação dos movimentos e dos passos retóricos. Isso se deve à fluidez da linguagem oral e à dinamicidade na escolha das estratégias linguísticas que o videorresenhista vai utilizar com o objetivo de tornar seu texto mais eficaz para alcançar o efeito desejado. Isso implica dizer que encontramos videorresenhas que apresentam os seis movimentos retóricos e outras que são constituídas por apenas três movimentos, como podemos observar na ilustração a seguir.

Quadro 17 – Recorrência dos movimentos retóricos

	MR1	MR2	MR3	MR4	MR5	MR6
VR1	X	-	X	X	X	-
VR2	X	X	X	X	X	-
VR3	X	X	X	X	X	X
VR4	X	X	X	-	X	-
VR5	X	X	X	X	X	-

VR6	X	X	X	X	X	X
VR7	X	-	X	X	X	-
VR8	X	X	X	X	-	-
VR9	X	-	X	-	X	-
VR10	X	X	X	X	-	-

Fonte: Elaboração da autora.

É fundamental enfatizar que esse comportamento caracteriza a maleabilidade dos gêneros. A ausência de alguns movimentos retóricos na amostra analisada não significa que não existam convenções e padrões a serem seguidos, uma vez que cada gênero possui suas próprias características e expectativas específicas. Desviar muito dessas convenções pode comprometer a compreensão e a eficácia da comunicação. No entanto, as escolhas de estratégias lexicais e linguísticas oferecem espaço para personalização e adaptação dos gêneros, permitindo que sejam moldados de acordo com os propósitos do autor e as exigências do contexto comunicativo. Nesta investigação, destacamos o fenômeno da flexibilidade na sequência dos passos retóricos, pois observamos que passos característicos de um movimento específico podem aparecer no mesmo trecho de texto que corresponde a outro movimento retórico, como ocorre no exemplo a seguir, analisado em nossa pesquisa.

Quadro 18 – Fragmento de transcrição (VR03)

ele é um gênio da computação os dois são super nerдинhos daqueles que gostam de star wars doctor who eles são a coisinha mais fofo de acompanhar meu deus mas como todo bom friend still loveres eles sabem que tem um sentimento rolando aí mas eles não sabem como se declarar um pro outro e aí o noah vai receber ajuda deles os incríveis e maravilhosos membros do clube do livro dos homens noah vai entrar no clube e eles vão indicar pra ele um romance de época que vai ajudar ele a entender e expressar melhor o seu sentimento e também tentar se declarar pra alexis mesmo que ela esteja passando por esse surto que é descobrir tudo sobre o passado dela de uma hora pra outra essa é a história de estupidamente apaixonado tem um gatinho na capa nem ***precisava fazer nada pra convencer vocês a lerem***

Fonte: Acervo da pesquisa [grifos nossos].

O recorte exibido no quadro 18 mostra que o *booktoker* construiu o MR2, responsável por descrever o livro, usando prioritariamente o PR1 – *detalhando a trama* – constitutivo do próprio movimento. No entanto, podemos ver na parte destacada em negrito passos que pertencem a outros movimentos. O trecho que aparece em sublinhando é o PR3 – *informando o título do livro* – característico do MR1, já o que está em itálico é o PR1 – *recomendendo a leitura do livro* – típico do MR5. Podemos atribuir essa versatilidade tanto às escolhas de estratégias lexicais e linguísticas feitas pelos *booktokers*, quanto à fluidez da linguagem oral, levando em consideração a natureza multimodal dos gêneros na esfera digital. De acordo com Swales, esse comportamento reflete a flexibilidade da constituição dos gêneros (SWALES, 2004),

corroborando a ideia de que os gêneros são um construto dinâmico (BHATIA, 1997 *apud* FERREIRA, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa relatada neste artigo teve por objetivo analisar como o gênero videorresenha funciona discursivamente na comunidade do BookTok, especialmente em relação a sua organização retórica. Para lograr nosso intento, aplicamos, com adaptações, o modelo CARS para a análise de gêneros, proposto por Swales (1990), o qual se mostrou bastante eficaz.

Os resultados obtidos revelaram particularidades nas videorresenhas do BookTok, que são atribuídas ao seu contexto como parte de uma comunidade discursiva pertencente à esfera digital. Nessa comunidade, os membros compartilham propósitos comunicativos em comum, e isso se reflete na estrutura interna e na linguagem utilizada nas videorresenhas. Dessa forma, observamos que o gênero videorresenha é uma atualização do gênero resenha, incorporando modificações que conferem uma nova forma de comunicação social.

O principal achado deste estudo foi a identificação de um padrão de organização retórica do gênero videorresenha na comunidade discursiva do BookTok. É fundamental ressaltar que, embora nem todos os movimentos e passos retóricos estejam presentes em todos os exemplares analisados, aqueles que ocorreram com maior frequência permitiram estabelecer a estrutura organizacional do gênero. Isso reflete a flexibilidade e a dinamicidade da composição dos gêneros digitais, que, ao mesmo tempo em que se transformam, também se consolidam.

Esta pesquisa apresenta uma limitação importante em relação à escassez de tempo para a investigação – por se tratar de pesquisa em nível de especialização –, o que resultou em uma amostra reduzida de apenas 10 exemplares do gênero. Essa limitação pode ter afetado a capacidade do estudo de identificar com mais precisão a recorrência de movimentos e passos retóricos na amostra. Como sugestão para futuras investigações, seria interessante repetir este estudo com um número maior de videorresenhas do BookTok, a fim de obter resultados mais abrangentes e potencialmente mais conclusivos.

É importante ressaltar que o estudo de gêneros digitais tem grande potencial para pesquisas futuras, e este estudo pode contribuir para a compreensão da organização retórica não só das videorresenhas do BookTok, mas também de outros gêneros emergentes da esfera digital, uma vez que o modelo CARS de análise de gêneros tem se constituído em uma ferramenta eficaz para entender o funcionamento retórico dos gêneros, que são responsáveis pela comunicação social.

A investigação em questão também traz uma importante contribuição para o campo de ensino e aprendizagem de língua, tanto materna quanto estrangeira, para estudantes do ensino fundamental e médio. Esse público é, em grande parte, consumidor de conteúdo nas redes sociais, o que torna a videorresenha uma ferramenta ainda mais relevante.

Essa ferramenta pode ser utilizada pelos professores para estimular a leitura crítica, a análise reflexiva e a produção textual, além de ajudar os alunos a desenvolver habilidades de comunicação e argumentação. Por meio do gênero videorresenha, os alunos podem ser incentivados a ler obras de diferentes gêneros a partir de um olhar crítico e reflexivo sobre elas.

Dessa forma, eles podem ser desafiados a identificar as principais características do texto, as estratégias utilizadas pelo autor para transmitir seu dizer, os elementos que contribuem para a construção do sentido da obra, entre outros aspectos. Além disso, a videorresenha também é uma forma de estimular a criatividade e a expressão dos alunos, já que eles são convidados a produzir um vídeo em que devem apresentar suas ideias de forma clara e persuasiva. Isso pode ajudá-los a desenvolver habilidades de comunicação e argumentação, que serão úteis em diversos momentos da vida.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, F. Como mestrandos agem retoricamente quando precisam justificar suas pesquisas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 18, n. 1, p. 131–158, jan. 2018.

ANDRADE, M. L. **Resenha**. São Paulo: Paulistana, 2006.

ARAÚJO, J.; ANDRADE, F. R. S.; LIMA, J. G. Videorresenhas do Booktube: uma análise da organização sociorretórica desse gênero. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, n. 3, p. 853–864, nov. 2021.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. *In*: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUPE, 2009. p. 221-243.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

BEZERRA, B. G. A organização retórica de resenhas acadêmicas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, n. 1, p. 37-68, jul./dez. 2002.

BEZERRA, B. G. Gêneros introdutórios em ambiente virtual: uma (re) análise dos propósitos comunicativos. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 9, n. 3, p. 463–487, set. 2009.

BEZERRA, B. Gêneros digitais: Apresentando livros na Internet. **Revista Signos**, Valparaíso, v. 43, supl. 1, p. 45-61, 2010.

BHATIA, V. K. Genre analysis today. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**. Bruxelles, n. 75, p. 629-652, 1997.

BIASI-RODRIGUES, B.; BEZERRA, B. G. Propósito comunicativo em análise de gêneros. **Linguagem em (dis)curso**, v. 12, n.1, p. 231-249. Turbarão, SC. jan/abr. 2012.

CARVALHO, G. Resenhas acadêmicas e sua organização retórica. **Revista Letras**, Curitiba, n. 57, p. 179-194. jan./jun. 2002.

FERREIRA, D. S. T. **O gênero Termo de Declarações na comunidade discursiva jurídico-policial**: uma análise sociorretórica. 24 f. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Linguagem e Práticas Sociais) – Instituto Federal de Pernambuco. Garanhuns, PE, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/387>. Acesso em: 03 jun. 2023.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57–63, mar. 1995.

GONÇALVES, G. S.; QUEIROZ, N. S. Introduções do gênero monografia: uma análise à luz do modelo CARS, de John Malcolm Swales. **Mandinga** – Revista de Estudos Linguísticos, Redenção-CE, v. 03, n. 02, pp. 36-48, jul./dez. 2019.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sociorretórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MACHADO, A. R. A organização sequencial da resenha crítica. **The Specialist**, São Paulo, v. 17, n.2, p. 133-149, 1996.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual**: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MILLER, C. R. Gênero como ação social. *In*: MILLER, C. R. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: EDUFPE, 2009 [1984]. p. 21-44.

MOTTA-ROTH, D. **Rhetorical Features and Disciplinary Cultures**: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics. 1995. 356 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

NUNES, V. S. O conceito de gênero em três tradições de estudos: uma introdução. **Vértices**, Campos dos Goytacazes/RJ, v.19, n.3, p. 7-29, set./dez. 2017a.

Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/9892>. Acesso em: 02 mar. 2023.

NUNES, V.S. **Análise de gênero no mundo do trabalho**: os usos do memorando nas práticas profissionais do Instituto Federal de Pernambuco/*Campus* Recife nos séculos XX e XXI. 2017b. 304 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2017b. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/2567>. Acesso em: 03 jun. 2023.

NUNES, V.S. Propósito comunicativo e organização retórica da carta do leitor. **Linguasagem**, São Paulo, v. 30, p. 100-116, 2019. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/465/268>. Acesso em: 02 mar. 2023.

NUNES, V. S. **Gênero textual na esfera jornalística**. São Paulo: Pá de Palavra, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/582>. Acesso em: 03 jun. 2023.

RAMPAZZO, L.; ARANHA, S. Revisitar o conceito de comunidade para discutir sua aplicação a contextos telecolaborativos. **Alfa: Revista de Linguística**, São José do Rio Preto, v. 63, n. 2, p. 373–396, abr. 2019.

SANTOS, T. G.; RAMOS, W. C. A organização retórica do gênero textual reportagem de divulgação científica. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 1-25, 2021.

SILVA, F. T. A.; BRITTO, W. M. Gêneros em contexto digital: um protótipo para o gênero videorresenha. **Caderno Seminal**, vol. 33, n. 33, 2019.

SILVEIRA, M. I. M. **Estudo sociorretórico do ofício** – gênero textual da correspondência oficial e empresarial. 2002. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2002.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. **Research genres**: exploration and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SWALES, J. M. Reflections on the concept of discourse community. **ASP**, v. 69, p. 7-19, 2016.